

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
RODRIGO ROCHA GONÇALVES**

DA NECESSIDADE AO RISCO, DA TENTATIVA AOS ERROS E ACERTOS
Vivências de um jovem ator lançando-se como professor de teatro no interior do Rio
Grande do Sul

PORTO ALEGRE
2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
RODRIGO ROCHA GONÇALVES**

DA NECESSIDADE AO RISCO, DA TENTATIVA AOS ERROS E ACERTOS
Vivências de um jovem ator lançando-se como professor de teatro no interior do Rio
Grande do Sul

Trabalho apresentado ao curso de
Licenciatura em Teatro da
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito
parcial para obtenção de grau de
licenciado em teatro.

Profa. Dra. Silvia Balestreri Nunes

PORTO ALEGRE

2016

Avaliação

SUMARIO

Agradecimentos	5
Resumo	6
Prólogo	7
Ato 1	
Cena 1 - O Artista.....	8
Cena 2 - O Palco.....	8
Cena 3 - O Aprendizado.....	9
Cena 4 - O Professor (ou a paixão).....	10
Ato 2	
Cena 1 - A Brincadeira.....	13
Cena 2 - A Preparação.....	17
Cena 3 - A Peça.....	19
Cena 4 - O Legado.....	21
Ato 3	
Cena 1 - O (eterno) estudante.....	24
Cena 2 - A (continuação) da vida.....	25
Cena 3 - A importância da academia.....	26
Epílogo	28
Bibliografia	34

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a meus guias espirituais, meus Orixás queridos que sempre me apontam o caminho certo a seguir e me dão forças nas horas mais difíceis de decisão como a de, aos 30 anos, diminuir o ritmo de trabalho e me dedicar à minha tão sonhada (e necessária) graduação.

Aos meus pais Maria Aldina e Mizael Getulio pela constante parceria, pela paciência e por vibrarem junto comigo a cada conquista alcançada. E pelas palavras da minha mãe: “A única herança que posso te deixar, é a educação”.

À minha amiga e companheira de trabalho Clarissa Gomes pelas horas de devaneio e pelo incentivo de redespertar o sonho de cursar a graduação em Licenciatura em Teatro. E pela revisão ortográfica.

À minha orientadora Sílvia e aos meus colegas da cadeira de Projetos, por me fazerem ver a importância que era relatar esta experiência em um trabalho acadêmico.

RESUMO

Este trabalho é um relato de experiências de um jovem ator que começa sua carreira na cidade de Rio Grande e, por necessidade, acaba virando professor de teatro na cidade de Uruguaiana. Relata também as experiência extra palco e como a arte de uma forma geral fez parte de sua vida, passando pela música ,até chegar ao teatro e à docência.

Tem como objetivo não só fazer um relato, como também analisar uma prática docente realizada antes da graduação e, assim, avaliar a importância da academia para a formação de um professor na área de teatro.

Palavras chave: teatro, docência, relato de experiência, teatro na escola.

ABSTRACT

This work is an account of experiences of a young actor who begins his career in the city of Rio Grande and out of necessity becomes theater teacher in the city of Uruguaiana. He also reports on extra stage experience and how art in general has been part of his life, going through music to the theater and teaching.

Its purpose is not only to make an account, but also to register a teaching practice performed before graduation and thus evaluate out the importance of the academy for the formation of a teacher in the theater area.

Keywords: theater, teaching, experience report, theater in school

Prólogo

Era uma vez um guri. Um guri que já não existe mais. Calma! Ele não morreu. Ele simplesmente cresceu. Cresceu mas não deixou de ser guri, pois como guri ele vive sonhando. Acho até que ele se alimenta só de sonhos, pois é e sempre foi um tipo magro.

Esse guri na infância brincou muito, jogou muita bola, correu na rua, levou mil tombos de bicicleta... Mas uma brincadeira que ele gostava muito, era o que ele e o amigo dele chamavam de “brincar de escritório”.

Brincadeira complexa pois exigia cenários e figurinos adequados.

O cenário: uma mesa, uma cadeira, papéis e canetas (coisas fáceis de se conseguir naquela época pois a mãe do guri era professora), um telefone de brinquedo.

O figurino: camisa e gravata era fundamentais, calça e tênis (o guri não tinha sapatos, mas o tênis quebrava o galho).

Ah... Tinha outra também - essa acho que muito guri igual a ele também brincava muito - a de super-herói. Uma toalha amarrada no pescoço e pronto: SUPER-HOMEM!

Sunga, botas de chuva e uma espada de brinquedo nas costas e já era o HE-MAN.

Bom, o fato é que quando perguntam pra esse guri, hoje adulto porque escolheu o teatro como profissão ele quase nunca sabe responder, daí o guri que ainda mora dentro dele dá um cutucão e o faz lembrar.

Então esse guri cresceu, cresceu e seguiu sonhando e seguiu encantado com a arte. Desde cedo já gostava muito de desenhar e pintar e na adolescência conheceu a música nas bandas escolares das quais fez parte.

Com dezoito anos o guri descobriu então o teatro. Reencontrou a criança que brincava de escritório e super-herói e segue brincando de representar, até hoje.

ATO I

Cena 1 - O Artista

A arte de uma forma ou de outra sempre esteve presente na minha vida. Quando criança, além de brincar de escritório e de super-heróis, gostava muito de desenhar. Minha mãe sempre tinha em casa calhamaços de folhas de ofício, lápis, caneta e eu sempre ganhava da minha madrinha e tios, canetinhas hidro cores, lápis de cor... Gostava também de cantar, e de imitar os cantores. Nunca ninguém viu nenhuma das minhas performances, pois eu morria de vergonha de apresentá-las. Mas eram grandes shows para grandes públicos.

Na adolescência, com doze anos pra ser exato, eu fui estudar na Escola Roberto Bastos Tellechea que possuía uma Banda Marcial... por morar no bairro, eu já sabia da existência da banda, mas eu não podia fazer parte por não estudar na escola. Em 1992, comecei a fazer parte da banda.

Adorava ensaiar, estar com colegas, viajar para diversas apresentações durante o ano. Em 1997, após três anos na Banda Tellechea fui, por influência de um amigo, para a Banda do Colégio Nossa Senhora Medianeira, que ficava no centro da cidade, permanecendo lá até o ano de 1999, quando ouvi uma colega dizendo que estava feliz pois iam voltar as aulas de teatro que ela fazia no Teatro Municipal de Rio Grande¹, eu então com dezoito anos, e já meio cansado das bandas e desistindo da ideia de ser músico, resolvi então procurar o tal curso e me inscrever. Penso até hoje que não deveria ter cruzado às portas daquele teatro.

Cena 2 - O Palco

Já nas primeiras aulas com o professor, jornalista e também ator Lóri Nelson, , lembro bem que a sensação de decorar um texto e estar ali contracenando com meus colegas, atores que vinham de uma montagem, já me encantava muito. Eles estavam remontando uma adaptação do texto “O Ferreiro e a Morte”, de autor desconhecido. Ali embora fossem todos amadores, eu era o único iniciante, e então assistindo os meus colegas e participando dos exercícios propostos por Lóri, fui tomando consciência do

¹ **Rio Grande** é um município brasileiro localizado no litoral sul do estado do Rio Grande do Sul. Possui uma população de 207 036 habitantes (dados de 2014), segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo a mais meridional dentre todas as cidades brasileiras de médio e grande porte .

trabalho do ator e me apaixonando cada vez mais.

Mas, infelizmente a remontagem não progrediu e parou por ali.

No ano seguinte então, fiquei sabendo que um grupo bem conhecido na cidade por montar espetáculos com temática espírita, estava selecionando interessados em teatro para uma bateria de oficinas e posterior montagem de um espetáculo. O grupo em questão chama-se Sobrinhos de Shakespeare. O diretor do grupo, também ator e radialista, Vinícius Diniz, era oriundo de um grupo que ficou muito famoso na cidade, o Cena 1. Lembro que ele costumava fazer exercícios exigentes de oficina, fazendo-nos ficar vários minutos em duplas olhando nos olhos dos colegas. Exercício difícil para jovens, desconcentrados e felizes que éramos. Mas no fim das contas o espetáculo foi montado. Tratava-se de uma adaptação do romance espírita “Vivendo no Mundo dos Espíritos” de Vera Lucia Marinzeck de Carvalho e eu então, finalmente estreava no teatro.

Além desta montagem com o grupo, também fui convidado a participar de uma remontagem de uma peça infantil chamada “A Revolta dos Perus” de Carlos Queirós Telles, e tive aí então o meu primeiro contato com o teatro para crianças. A peça rodou as escolas do município para arrecadarmos fundos para a montagem de “Vivendo no mundo dos espíritos”.

Após esta passagem pelo Sobrinhos de Shakespeare, recebi um convite diretor de uma outra companhia ainda hoje bem atuante na cidade, a Cia. Teatral Era uma Vez, dirigida por Marlon Britto. Na época Marlon estava montando uma adaptação de Édipo Rei e Antígona e tinha um projeto de teatro para a terceira idade junto com a FURG (Fundação Universidade Federal do Rio Grande) e eu acabei entrando para o grupo na condição de técnico. Mas foi bom, aprendi muitas coisas que se refletiram na minha história como homem de teatro mais adiante.

Na Cia. Era Uma Vez..., tive um contato mais intenso com o teatro infantil, que Maria Lúcia Puppo hoje prefere chamar de “teatro para crianças”, afinal Marlon na época era estudante de pedagogia e montava periodicamente espetáculos infantis, que apresentava no Teatro e convidava as escolas para assistir. Outra prática da Cia. Era uma Vez... era a participação em festivais de teatro no interior do estado.

Cena 3 - O aprendizado

É importante lembrar que minha formação artística se iniciou bem antes da

academia. Como eu morava em uma cidade do interior e os recursos de formação artística eram escassos e resumiam-se ao ensino da música e da dança, tive que recorrer como já mencionado aqui ao Curso Livre do Teatro Municipal de Rio Grande e após a grupos amadores que trabalhavam por lá, já citados neste trabalho. Eram poucos. Na verdade três bem atuantes, e eu tive a oportunidade de trabalhar com os três. Porém no último, tive a feliz oportunidade de conhecer um movimento ainda vivo no interior no Rio Grande do Sul que são os festivais de teatro.

Nesses eventos, além das apresentações de espetáculos oriundos do interior do estado em sua maioria, mas também vindos de outros estados e até mesmo de países vizinhos da América Latina, existe uma prática formativa que é chamada de “debate”. Nesses debates os avaliadores, geralmente profissionais de Porto Alegre, discorrem sobre o espetáculo, apontando falhas e acertos na montagem, dando, assim, a oportunidade não só de corrigir eventuais “erros”, mas também de ensinar os “teatros” iniciantes como percorrer um caminho mais positivo em suas montagens. Nesses eventos, afinei meu senso crítico, como também aprendi e conheci formas e estéticas de espetáculo.

O teatro infantil me deu muitos aprendizados também. Fazer teatro para crianças não é nada fácil. É preciso além de sensibilidade para se contar uma história para eles, entender que eles precisam ser encantados pelo que assistem, e isso passa pela graça e pela sensibilidade. Ritmo, cenas curtas, ações empolgantes, tudo isso o tempo no palco apresentando para o público infantil me deu de presente e aos poucos eu pude me reencontrar com a criança que fui e encontrar em mim o artista que ali habitava.

Cena 4 - O professor (ou a paixão)

Munido então, de todo esse conhecimento adquirido ao longo desse tempo e de uma vontade muito grande de poder viver fazendo o que gostava, eu chego em Uruguaiana² em 2005 e vou direto trabalhar em uma loja de celulares. Durou um mês. Quando fui demitido da loja, já estava envolvido com alguns trabalhos com um grupo atuante na cidade e uma outra paixão me chamou para viver uma intensa história de

² **Uruguaiana** é um município brasileiro situado no extremo ocidental do estado do Rio Grande do Sul, junto à fronteira fluvial com a Argentina e Uruguai. Pertence à Microrregião da Campanha Ocidental, na Mesorregião do Sudoeste Rio-Grandense, e está localizado a uma altitude de 66 metros acima do nível do mar. A cidade tem grande importância estratégica comercial internacional, tendo em vista que está localizada equidistante de Porto Alegre, Montevidéu, Buenos Aires e Assunção; bem como devido à importância na produção agropecuária nacional, ostentando a liderança na produção de arroz.

amor: o carnaval. Uma primeira experiência coordenando uma comissão de frente de uma pequena escola de samba da cidade realizou um sonho e me deu a chance de trabalhar em outro nicho, porém na mesma área da cultura, do entretenimento, da arte que sempre me fascinaram.

Em 2006, com o início do ano letivo, firmei a parceria com o Colégio Marista Sant'Ana, um colégio da Rede Marista de educação, atuante no município desde 1904, ditigido na época ainda por irmãos religiosos, hoje é dirigido por professores e conta com turmas da educação infantil até o ensino médio, e iniciei a divulgação das oficinas de Teatro na escola e o sucesso foi muito grande, pois muitos alunos procuraram pelas oficinas. Novidade, bem nova mesmo. Na escola, a última professora que trabalhou o teatro ali, deveria ter passado pela escola já havia uns 20 anos, devido, suponho eu, pela pouca de formação de professores na área das artes, principalmente naquela região onde existem poucas faculdades. Daquela geração de alunos que viria até mim, nenhum deles sabia que alguma vez houveram aulas de teatro no colégio.

Foram de início três turmas divididas por idades. Uma delas, a que me deu mais medo, por serem muito jovens, era composta de alunos da terceira série, a maioria tinha oito anos de idade, alguns ainda com sete, e um menino de nove anos. Para minha surpresa, por insistência dos pais, foi a turma que realmente vingou. Interessados, bagunceiros, atentos, curiosos, amorosos... Enfim, crianças. E eu tão criança quanto eles. Tinha vinte e quatro anos, mas dava aulas pela primeira vez, então, estava aprendendo junto. Errando, acertando, mas com uma certeza: era isso que eu queria fazer. Ensiná-los o que eu sabia de teatro e de vida, e fazer com que eles entendessem que arte e vida podem andar de mãos dadas. Saborear cada momento com eles e entender seus medos, suas fraquezas... E principalmente ver neles a criança que eu fui e fazer daquelas quatro horas semanais as mais divertidas e ao mesmo tempo sérias da semana deles. A todo momento eu me perguntava se eu não estava reproduzindo nas aulas de teatro a mesma "chatice" das aulas convencionais. O olhar e o sorriso deles me dizia que não. Hoje conversando com eles, dez nos depois, a lembrança é sempre positiva. Cada um já escolheu o seu caminho. Militares, advogados, engenheiros... Mas o fato de lembrarem com carinho de cada aula dada, de cada aprendizado, me faz ver como eles realmente levaram para a vida o fato de terem sido artistas por alguns meses, e o quanto isso foi, de certa forma, importante para o futuro deles.

As aulas começaram. Como eu tinha pouca experiência em ensinar teatro,

comecei, claro, reproduzindo o que meus professores (ou *oficineiros* como falamos no jargão teatral), passaram para mim quando eu estava na posição contrária. Uma vez assistindo a uma oficina para crianças do meu primeiro professor, Lóri Nelson, percebi que ele usava de jogos infantis como a dança das cadeiras por exemplo para dar início a algum tipo de aquecimento corporal para deixá-los prontos para o jogo das aulas. Logicamente, eu também sabia que com crianças não dá para “facilitar”, e, tomando cuidado com a “bagunça”, tentava sempre conduzir os jogos de maneira séria, concentrada. Pouco a pouco percebi o quanto eles ficavam concentrados no que estavam fazendo e o quanto eu ia “afrouxando as rédeas” para a aula não ficar maçante.

ATO 2

Cena 1 - A Brincadeira

Como tratava-se de crianças, conforme já disse, na faixa dos oito anos, passei alguns dias pensando de que maneira abordar os temas teatrais centrais, como foco, atenção, ritmo, concentração, voz de uma forma que eles entendessem e os encantasse. Eu não queria dar o jogo cênico através do improviso logo de início por julgar, não que eles não fossem capazes, mas justamente porque sabia que era importante, antes de provocá-los ao improviso, trabalhar habilidades importantes para o trabalho se desenvolver satisfatoriamente. E discipliná-los também.

Lembrei então de uma aula que pude assistir com a turma infantil do meu primeiro professor Lóri Nelson no Teatro Municipal de Rio Grande, onde ele, antes de começar a aula, propôs para a turma uma brincadeira de dança das cadeiras.³ Uma brincadeira a princípio boba, mas que se analisarmos mais a fundo percebemos que esta brincadeira trabalha elementos como atenção, ritmo, resolução de rápida de problemas, bem como a frustração de quem fica de pé.

Pensando nisso, comecei a relembrar algumas atividades lúdicas, brincadeiras de roda, brincadeiras de rua que poderiam de alguma forma contribuir para o desenvolvimento de elementos importantes para o jogo teatral. Mantendo algumas no mesmo formato e adaptando outras, construí com eles um pequeno repertório com as seguintes brincadeiras:

Escravos de Jó - Uma clássica brincadeira de roda que consiste em cantar uma música em ritmo de bate estacas, todos com algum objeto na mão e vão passando este objeto para a direita conforme cantam. Variações da passagem do objeto, em zig-zag e tirando-o do chão e colocando de novo em jogo.

“Escravos do Jó, jogavam cachangá (ou cachimbó)/ Tira, bota deixa (o Zé Pereira) ficar/ Guerreiros com guerreiros fazem Zig-zig-zag/ Guerreiros com guerreiros fazem zig-zig-zag.”

Aqui, a ideia é treinar elementos e faculdades como ritmo, trabalho em grupo,

³ Jogo infantil que consiste em organizar cadeiras em roda e os participantes “dançam” ao redor das cadeiras ao ritmo de uma música, gravada ou cantada por um “juíz”. Quando a música para, os participantes tem que rapidamente sentar. A roda de cadeiras tem que conter uma cadeira a menos que o número de participantes, de modo que sempre sobre um ao cortar a música.

coordenação motora, visão periférica. Essa é uma brincadeira que leva certo tempo para “entrar no corpo” deles. É muito fácil perder a concentração aqui, pois é uma brincadeira repetitiva, o ritmo da música é monótono, e o movimento de pegar e soltar o objeto de um lado para outro causa estranheza e atrapalhão. Mas destaco aqui o ponto mais importante que julgo neste jogo: o trabalho em grupo. Pois, quando um dos participantes erra a passagem do objeto (geralmente um calçado, pois já vem com eles, e não precisa trazer mais nada de casa), todo o conjunto acaba sendo prejudicado, acontece o “embolamento” dos objetos na frente dos jogadores e todo o ritmo e dinâmica do jogo se perdem

Detetive - Na versão clássica da brincadeira, os jogadores ficam em roda uns encarando os outros, é designado por um “juíz” quem será o assassino e quem será a detetive a descobrir o assassino. O “tiro” é dado através de piscadelas discretas que o assassino dispara contra as vítimas. Assassino não sabe quem é o detetive, e detetive tem que achar o assassino antes dele “matar” a todos. Na versão teatral, essa dinâmica é feita com os alunos circulando pela sala e assim o grau de dificuldade aumenta.

Neste jogo percebemos principalmente como é intenso o trabalho de concentração e atenção por parte de quem joga.

E claro, por se tratar de um jogo usado para fins teatrais, combina-se com os alunos antes que eles encenem uma “morte” bem teatralizada e dramática, afim de tornar mais divertido o jogo, e trabalhar mais um elemento do teatro que é, é claro, a dramatização.

“(…) a brincadeira que eu mais adorava era o detetive em movimento, quando a gente andava pela sala e jogava, com as mesmas regras do detetive mas caminhando pela sala” -Marcell Galdino (2016, 9 anos na época da oficina de teatro)

Máfia - É um jogo bem parecido com o detetive, porém com regras bem mais complexas. Consiste em a população de uma “cidade” descobrir quem são os mafiosos que estão exterminando a população. Deve ser mediado por um “juíz”. Foi um jogo aprendido em um festival de teatro como distração de “noites de alojamento”. O juiz determina através de sorteio quem é o mafioso. O juiz então dá o comando “a cidade dorme” e todos fecham os olhos. O juiz então diz: “a máfia acorda”. A máfia aponta quem morre, o juiz anuncia: “a máfia dorme” e em seguida: “a cidade acorda, porém Fulano

está morto”. Daí para frente a população começa a deliberar sobre quem é o assassino. É um jogo de regras relativas na verdade, pois é calcado em suposições. Vale tudo: um barulho que ouviu, uma respiração mais ofegante, sentir o colega se movimentando do seu lado... Mas quando um participante aponta o assassino correto é obrigação do juiz anunciar o bandido.

Corda - Pular corda, na minha opinião, é uma brincadeira completa no que diz respeito à preparação do ator para entrar em cena. Além do ritmo e coordenação motora que é trabalhado, perceber o outro, aquele colega que está girando a corda bem como o pular em dupla, trabalho em equipe, tudo isso é trabalhado no jogo de pular corda.

Atenção, concentração e ritmo - Um jogo que aprendi na escola, por interferência de uma estagiária, consiste em outro jogo de roda, que trabalha aspectos, como o próprio nome diz, de atenção, concentração e ritmo. Cada jogador recebe um número e o jogo consiste em o jogador se identificar com o seu número e chamar um outro, qualquer, aleatório. O ritmo da música é levado com palmas.

Atenção! (palmas) Concentração! (palmas) Ritmo! (palmas) Vai começar! (palmas) Começa no 1! (palmas) 1 e 4 (palmas) 4 e 2 (palmas) 2 e 9 (palmas) 9 e 5 (palmas)... E assim sucessivamente até alguém perder o ritmo ou errar o número ou chamar um número que não tenha ou que tenha saído.

Trava língua - Um jogo que não é exatamente um jogo. Quem nunca desafiou um colega, amigo ou até os pais a falarem “*O rato roeu a roupa do rei de Roma*” ou “*Um tigre, dois tigres, três tigres*” sem se enrolar nas palavras? Em aula eu usava estas brincadeiras para aquecer voz, língua, articulação da mandíbula, enfim, o chamado aparelho fonador. Funcionava. E era sempre muito divertido.

Prestei atenção também, que, além das brincadeiras para que soltassem corpo e mente para o trabalho teatral, muitas vezes eles necessitavam de concentração, pois vinham da aula convencional diretamente para minha aula, agitados, inquietos, com muita vontade de jogar e “fazer teatro”, e me faziam às vezes perder muito tempo para acalmá-los. Então, radicalizei e resolvi ensiná-los a respirar.

Respiração diafragmal - vez por outra, eu colocava os alunos em roda, pedia que deitassem no chão de barriga para cima e pedia que simplesmente respirassem. Que respirassem com a barriga, coisa que os bebês fazem, mas que com o tempo e com a postura em pé, perdemos e começamos a respirar com o peito. Era fantástico, pois fazia com que se concentrassem em uma atividade solitária, e os acalmava- com o exercício da respiração.

“(…)uma coisa que eu lembro todos os dias é que tu ensinou a gente a ‘respirar com a barriga” - Fernanda Zilli. (2016, 8 anos na época das aulas, em 2016 com 18anos)

O que eu buscava trabalhando desta forma, era fazer com que o jogo infantil conversasse diretamente com o jogo teatral de modo a despertar neles o gosto pela brincadeira de estar no palco, sem propriamente falar em técnica. Como se ensina técnica para uma criança? Não vejo como... Não na teoria da técnica. Crianças desenvolvem suas próprias técnicas para seus jogos favoritos. Basta observar uma criança brincando de esconde-esconde. Não precisa ensinar nada. Basta dizer: “A ideia é que tu te escondas e teu amiguinho não te encontre”. Pronto. A partir deste ponto, não é necessário mais nada além de deixar eles brincarem. Foi pensando nisso que me valia dos jogos conhecidos por eles, ou mesmo os que tive que ensinar, para fazer com que desenvolvessem as habilidades necessárias para estabelecer o jogo teatral.

Viola Spolin nos ilustra este pensamento:

O que deve ser feito, pois, é conservar o jogo espontâneo da criança e transformá-lo em comportamento de palco comunicável. Não deve haver a intrusão de “técnicas”. Como com o adulto, os problemas de atuação que o aluno-ator tem que resolver devem ser apresentados de tal forma que este comportamento no palco surja por si mesmo do interior da criança, como por acidente. Como sabemos, seja criança ou adulto, aquele joga literalmente, totalmente empenhado em resolver o problema da oficina (ponto de concentração) atinge (ou conserva) o comportamento espontâneo natural ao mesmo tempo que está realizando a comunicação teatral. (SPOLIN, 2010: p. 256)

O faz-de-conta faz parte da infância e dos jogos lúdicos praticados pelas crianças. Desde a brincadeira de casinha, polícia e ladrão entre outros, a criança finge que é um determinado personagem, e, através dele, cria sua própria aventura e sua própria história.

Piaget já refere-se ao surgimento dos jogos simbólicos, citando ações habituais que ao serem realizadas fora de seus contextos evidenciam o denominado esquema simbólico, forma primitiva do símbolo lúdico, que marca a passagem do jogo de exercício para o jogo simbólico: a criança passa a exercitar, por meio da ficção, as suas ações cotidianas, sem objetivos reais que as determinam (SANTOS, 2004 p. 73).

O que faz do jogo lúdico para o ensino do teatro, uma ferramenta muito útil e rica de possibilidades. Afinal, a criança acessa o que tem de mais próximo de si para interpretar. “O meio natural de aprendizagem, para a criança, é o jogo”. (REVERBEL, p. 25) Qual criança nunca fingiu o choro para conseguir algo que queira muito? Aquele famoso choro sem lágrimas. Ou até mesmo o “ficar emburrado”, “fazer beijo”... modos populares de denominar a birra das crianças que se fingem de bravas ou magoadas, para tocar os adultos ou os amiguinhos e assim conseguirem o que querem, seja um brinquedo ou tão somente a atenção de alguém.

“Nós somos todos teatro, até quando não fazemos teatro”. (BOAL, 2005 p. 17)

Cena 2 - A preparação

Jerzy Grotowski, teatrólogo e diretor, polonês, acreditava também em um tipo de memória emotiva para acessar determinadas sensações em seus atores, ou para criar determinadas máscaras expressivas ou até mesmo personagens dentro de seus trabalhos:

Um acesso para o caminho criativo consiste em descobrir em si mesmo uma corporalidade antiga, à qual você está ligado por uma forte relação ancestral. Então você não está nem na personagem nem na não personagem. Começando pelos detalhes, você pode descobrir em si mesmo uma outra pessoa - seu avô, sua mãe. (GROTOWSKI, 1988 p. 377).

Claro que temos de ser sensíveis e entender que quando Grotowski descreve suas provocações e descobertas no campo teatral, ele está falando de atores profissionais, ou adultos estudantes das artes cênicas. Então por que citá-lo em um trabalho onde discorro sobre o ato de ensinar teatro para crianças? Simples. Porque ao meu entender, se o adulto, mesmo com todas as amarras que cria para viver uma vida adulta, consegue - ou pelo menos tenta - dentro de uma sala de ensaio acessar vivências e memórias que possui para assim compor - muito além de imitar - algum ancestral seu e assim tomar como partida para a criação desta máscara cênica, então também pode a criança, que já imita muitas vezes por si só o comportamento adulto, fazer seus acessos afetivos à memória e assim compor a personagem que lhe é solicitada na aula de teatro.

Como o adulto, a criança gasta horas do seu dia fazendo jogo dramático subjetivo. Ao passo que a versão adulta consiste usualmente em contar histórias, devaneio, tecer considerações, identificar-se com personagens de TV etc., a criança tem, além destes, o faz-de-conta onde dramatiza personagens e fatos de sua experiência, desde *cowboys* até pais e professores. (SPOLIN, 2010 p. 253)

Ao provocar os meus alunos à criarem seus personagens em sala de aula, eu pensava muito em que tipos de brincadeiras criar para que o jogo se tornasse a técnica de criação deles. Faz de conta que é um cachorro. Faz de conta que é uma gata. Faz de conta que é uma galinha. Faz de conta que é uma burrinha. E assim com referências dos bichos com os quais conviviam, ou buscando como referência a TV, a internet - afinal, não é todo mundo que tem um jumento por perto - , tentar brincar de imitar estes bichos sem cair no estereótipo de andar de quatro, e latir, miar, cacarejar ou zurrar, mas sim, fazendo-os valerem-se de suas experiências em casa e na escola, tentar traduzir em gestos e palavras o espírito dessas personagens humanizando-as para poder contar uma história fantástica onde bichos adquirem formas humanas e participam de uma grande aventura.

Cena 3 - A peça

Certo dia, já no avançado dos meses, e com o compromisso de realmente montar alguma coisa com eles, tive um *insight* e propus que improvisassem alguma pequena cena onde eles seriam “bichinhos”. No meio da cena, outra ideia: Os Saltimbancos, do Chico Buarque... Não, não... muito batida e tão mal montada todas as vezes em que assisti, que fiquei com medo de não dar conta. Além de ser uma peça política, e muita coisa que é dita na peça, crianças de oito anos não fariam ideia do que se trataria, e mesmo os alunos que assistiriam... Não! Não fazia o menor sentido montar esta peça. Nossa, mas eles estão se divertindo tanto como bichinhos, seria um desperdício de energia e ideias... Já sei! Os Saltimbancos têm como inspiração o conto Os Músicos de Bremen dos Irmãos Grimm... Se Chico Buarque buscou no conto inspiração, por que eu não poderia fazer o mesmo? Ah eu posso. Não só posso, como devo!

Estávamos em julho, voltando de férias e eu já conhecia os meus Anjos Arteiros, nome com o qual batizei o meu grupo de alunos. Já sabia das suas possibilidades, medos, potências e fraquezas. Sabia o que tirar deles, e sabia, principalmente o que eu queria.

Ao escrever pensei o quanto eram retos os personagens do conto: Um cachorro, um galo, um gato e um jumento que fogem de seus donos, por motivos particulares que se encontram na floresta e resolvem ir para Bremen para serem músicos. No caminho encontram uma casa, correm com ladrões que tentam roubá-los, ficam na casa e fim da história.

Não! Por favor. Meus atores têm mais possibilidades que isso. Vamos mexer nesses bichos.

Primeira questão que me provocou: eu tinha somente um menino na turma. Que era bem agitado, mas obediente, e era filho de militar. Uma das meninas era muito séria e concentrada nas aulas. Tímida até. Mas sempre fazia tudo que eu propunha na aula. Outra era uma criança muito bonita, delicada, meiga e gentil. E uma quarta era sapeca, faladeira, risonha e atrapalhada na hora dos exercícios. É importante lembrar que as meninas, todas, faziam, em paralelo, aulas de dança na escola. Soobravam ainda duas meninas... o que fazer com elas, já que são somente quatro bichinhos na história?

Preciso apresentá-los, afinal são artistas, e artistas têm nome. São eles,

Marcell Galdino, o único menino da turma. Letícia Wizoreck, a mais tímida. Valentina Rocha, delicada, meiga e gentil. Renata Garcia, a sapeca e atrapalhada. E as talentosas coadjuvantes Fernanda Zilli e Andreia Fitipaldi.

Obviamente eu estava escrevendo uma peça para eles, e era impossível não pensar neles enquanto eu escrevia a peça. Como criar contrastes entre esses personagens? Como fazê-los diferentes um do outro? Onde estavam os possíveis conflitos? A resposta estava neles.

Comecei pela primeira cena. Defini que Andreia, por ser a mais disposta e “espoleta”, poderia dar uma ótima dona da Burrinha, Letícia, uma vez que a história da Burrinha seria a única que apareceria em cena. As outras seriam contadas. Ouço até hoje a voz da “Déia” entrando em cena e dizendo: “Vamos Burra, trabalha Burra, vamos Burrinha!”. A cena seguinte consistia em a Dona da Burrinha puxar uma cenoura do bolso, começar a comer e perguntar para a Burrinha: “Quer uma cenoura? Quer uma cenourinha? Então limpa ali, varre aqui, capina lá...” Enquanto a Burrinha ia cumprindo as ordens, a Dona ia comendo a cenoura, e, no fim das tarefas, a cenoura já tinha acabado. A Burrinha fica brava, solta a enxada que está na mão, faz uma “banana” para a dona e sai correndo.

Na cena que se segue, a Burrinha esbarrava no Cachorro, Marcell, e ali acontecia o primeiro diálogo explicativo da peça, onde Burra e Cachorro contavam dos maus tratos de seus donos e a Burrinha revelava que estava indo para Bremen ser artista. Nesse momento, temos a Galinha, que está passando perto e se livrou da panela, ouve a conversa e entra na história dizendo que seu sonho era ser uma estrela, pois ela cantava, dançava, representava e ainda colocava ovos de ouro - é o meu personagem preferido, confesso. Depois de cada um contar a sua história e do Cachorro insistir que não quer ser artista e sim Cão Policial - lembro que Marcell era filho de militar -, eles decidem partir para Bremen; mas eis que surge a Gata, Valentina, e é claro que a confusão com o Cachorro está armada. Aqui, define-se a Burrinha como uma espécie de chefe da turma, e ela passa um “pito” no cachorro, fazendo ele respeitar a Gata e ficar quieto. A seguir, a Gata conta a sua história, e eles partem em jornada; só que o cachorro está com a pata machucada em função do esbarrão que deu na Burrinha e não consegue caminhar. A Gata então ajuda ele, colocando sua pata “no lugar” e fazendo uma tala com o lenço vermelho que traz no pescoço.

A história foi me levando para um lado que eu não imaginava quando pensei no texto: a amizade e respeito às diferenças. Eles mesmo em muitos momentos

refletiam sobre isso e diziam que se uma gata e um cachorro são capazes de serem amigos, não teria porque duas pessoas brigarem e serem inimigas.

Na montagem, gravei minha própria voz em “*off*”, como se fosse alguém lendo a história enquanto a mesma se passava no palco. Tecnicamente falando, este subterfúgio também ajudava a diminuir cenas e na transição de uma cena para outra. Expliquei isso para dizer que após um *off* que servia também para cobrir uma passagem de tempo, os bichinhos chegam em uma parte da floresta onde avistam uma casa e resolvem tomar conta dela, mas dentro da casa existem duas ladras que durante o diálogo dizem que roubaram uma galinha para comer, e que a galinha estava deliciosa. É claro que a Galinha ouve, fica furiosa e incita os amigos a atacarem as ladras dentro da casa.

Galinha - (gritando) Canibais! Comedoras de galinhas canibais! Eu vou acabar com essas assassinas de galinhas! Amigos, atacar!

Após a confusão, as ladras, interpretadas por Andreia e Fernanda, fogem da casa, e os bichinhos tomam conta. Fernanda, a primeira ladra a fugir, volta à cena, agora como policial, e prende a última ladra, Andreia, que pede para ser presa, pois acha que foi atacada por um fantasma.

Após a saída da última ladra, os bichinhos decidem que vão montar um grande show e ganhar muito dinheiro. Convencem o Cachorro a fazer parte do show, a Burrinha toma a frente como diretora e temos então um Cão Acrobata, uma Gata cantora e uma Galinha que, segundo ela, canta, dança e representa. A história termina para o público aí. Mas é como se seguisse após a cortina fechar. Ah, claro! Já ia esquecendo que, no final, Andreia volta como dona da Burrinha, procurando por ela.

Cena 4 - O Legado

Não dá. Simplesmente não dá. Eu juro que tentei diversas vezes largar o teatro, me dedicar a outras coisas, mas nunca consegui. A Licenciatura foi um presente dos Deuses do Teatro pra mim. Ter tido minha primeira turma em Uruguiana acendeu em mim a certeza de que meu legado, se ele um dia existir, vai ser dentro do ensino. Ensinar. A postura no palco pode ser reproduzida na vida. Por que não? A disciplina pode ser empregada na arte. Aliás, as bandas me deixaram isso como ensinamento.

Sem disciplina não se faz nada direito. Nada. Cumprir horários, preparar o corpo, a voz, ter cuidados com o sono, musculatura, ossos. O corpo é instrumento do ator.

Ainda hoje, em conversa com eles via rede social, dez anos depois, alguns lembram de como eu cobrava questões como alongamento e respiração. Eram constante as vezes que chegava em aula e, para acalmá-los, pedia que deitassem, colocava uma música suave e fazia com que deitassem de barriga para cima e respirassem com a barriga, lenta e profundamente. Logo após, era o momento de alongar o corpo, e aquecer. Jogos com bola eram seus preferidos.

A arte tocou aquelas crianças, hoje adultos em formação, alguns já frequentando bancos de universidades.

Creio que levaram muito para a vida. Em certa oportunidade, fomos convidados a nos apresentarmos em algumas escolas públicas da cidade de Uruguaiana. Levar crianças de uma condição social favorável para uma realidade de dificuldades me parecia parte do ensino. A vida era dura fora dos portões do Colégio Sant'Ana e da segurança dos apartamentos e casas confortáveis deles. Eram crianças bem educadas, caridosas e amorosas, eu sabia que não haveria nenhum problema nisso, muito pelo contrário.

Lembro de uma apresentação específica no projeto CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança), que ficava num bairro de situação econômica e social muito difícil. Eram crianças com famílias desmanteladas, muitas criadas sem a figura paterna, e alguns órfãos de pai e mãe, criados por avós, tios e muitas vezes por conta de pessoas que não eram da família. Era inverno e alguns foram nos assistir de bermudas e chinelos. Muitos sem banho, cabelos e roupas sujas. Lembro de conversar com o grupo e explicar o que iríamos encontrar. Andreia me relatou que “já estava acostumada” com a situação uma vez que a tia era assistente social e sempre falava pra ela o que acontecia com as crianças. Mas ou outros...

A apresentação foi linda. Uma poética que eu jamais achei que iria presenciar, ou ser responsável por ela: crianças apresentando teatro para outras crianças. As condições do CAIC para tal não eram as melhores, mas eles deram conta do recado. A apresentação foi linda. Plateia atenta. Foram conquistados pelo que viam.

Ao fim da apresentação, os atores foram abraçados pelas crianças e lembro até hoje do relato de Valentina sobre uma menina que veio conversar com ela.

“Tinha uma menina tio, tadinha, ela tinha feridas no rosto, não sei porquê. Mas ela veio me abraçar e dizer que gostou muito da gata, e que eu era muito bonita.

Respondi: “tu também és muito bonita”. Sabe tio, ela tinha cheiro de lenha queimada.”

Não sei até que ponto esse momento da infância deles repercutiu no futuro. O que sei é que tive a oportunidade de mostrar para crianças bem cuidadas, bem educadas e bem nutridas que nem todas as crianças têm a sorte deles. E de que eles, na situação em que se encontravam, poderiam sim, contribuir para meia hora de alegria daquelas crianças. Creio que eles entenderam o recado.

ATO 3

Cena 1 - O (eterno) estudante.

Quando então, resolvi me mudar para Porto Alegre no ano de 2010, eu já sabia que deveria me graduar. Na época eu estava com vinte e nove anos. Jovem ainda, porém com o tempo já batendo na porta. Sempre correndo atrás do que eu sonhava e acreditava, acabei deixando de lado a questão dos estudos, e acreditei em algum momento que iria ficar mesmo pelo interior, dando aulas, mesmo sem ser graduado, e me dedicando ao meu grupo de teatro e à minha produtora.

Mas algo se mexia dentro de mim, e meu sonho de estudar teatro nunca me abandonou de vez. Então, como cheguei em Porto Alegre em março de 2010, só poderia me inscrever para o vestibular do ano seguinte. Foi o que fiz, mas pelo jeito não era o momento, e só ingressei no curso de Licenciatura em Teatro da UFRGS no ano de 2012.

Realmente foi um passo importante para mim. É latente destacar que, mesmo eu já ensinando teatro no interior, eu sabia o quão deficiente eu era como professor. Eu sabia que deveria me graduar, passar pela academia, para afinar o que eu já sabia, descobrir se a maneira como eu vinha trabalhando estava certa ou errada e, é claro, aprender mais. Sempre aprender mais. E foi o que aconteceu. A graduação me trouxe novos horizontes, novos pensamentos e me colocou lado a lado com outros autores e pensadores da arte do teatro e do ensino do teatro, que, ao que me pareceu, concordavam mais do que discordavam de mim. Ou seja, errando aqui e acertando lá, eu estava no caminho certo, era mesmo a licenciatura que iria dar um suporte importante para a minha carreira artística.

Em 2015, fui chamado para fazer parte da equipe do PIBID Teatro da UFRGS, coordenado pela professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos. O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) é um programa importantíssimo criado pelo governo federal e sustentado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior), um programa de suma importância para a formação do docente, uma vez que possibilita que o estudante de licenciatura tenha um contato, ainda na graduação, com a realidade da sala de aula. Tudo isso coordenado por professores dos cursos de licenciatura. No PIBID, antes mesmo das disciplinas de estágio obrigatórias para a formação do professor, aprendemos a fazer planejamentos,

relatórios e a prática docente. Ou seja, auxilia aqueles que nunca pisaram numa sala de aula na condição de professor, a não só exercitarem a tarefa, como também ajuda a decidirem se é isso mesmo que querem da vida profissional, ou se mudar de área é o mais recomendado.

O PIBID constitui uma iniciativa de estímulo à docência em âmbito nacional que integra o Ensino Superior e a Educação Básica através da interação entre estudantes e docentes de cursos de licenciatura e a realidade das instituições de Ensino da Rede Pública. Nesse sentido, o Projeto Institucional da UFRGS se propõe fortalecer as atividades de formação continuada de seus licenciados mediante o incentivo precoce à carreira docente e o estímulo à atuação no cotidiano da escola. (SANTOS, 2012 p. 9)

Foram dois anos como “PIBIDiano”, e tive dentro do projeto experiências incríveis, além é claro de voltar a dar aulas para crianças na minha faixa etária preferida e que de uma forma ou outra me traziam de volta os meus Anjos Arteiros, agora mais velho, com suporte acadêmico de trabalho e reafirmando a certeza de que meu legado, se ele existir, vai ser através do ensino. Do ensino de arte. Do ensino de Teatro.

Cena 2 - A (continuação da) vida

Certamente, o encerramento desta etapa do ciclo acadêmico da minha vida, me traz a certeza de estar no caminho certo. Nunca tive lá muita certeza sobre o que eu queria fazer da minha vida. Sempre gostei muito de experimentar de tudo. Mas a docência em teatro, junto com a vida artística, me trazem um prazer além do normal quando estou envolvido em meus trabalhos. Assistir a meus alunos evoluírem nas aulas de teatro, seja entendendo a dinâmica das aulas, que não é a tradicional, pois eles não sentam e escrevem como nas outras, mas que também não é a diversão do recreio, ou ser recebido semanalmente com beijos e abraços, ou fazer adolescentes apresentarem uma cena na frente dos colegas, certos e firmes do que queriam fazer, me mostra que sim, eu não só posso fazer isso, como eu devo fazer isso. Ensinar, provocar, fazer com que vejam as possibilidades que a vida oferece. Que a arte existe, e que ela deve ser procurada. Não precisa ser um profissional. Ser amador basta. Amador da arte. Amar fazer arte. Usá-la como refúgio, ou subterfúgio, não importa mas sempre ela, sempre a arte, é ela que educa com amor e sensibilidade. E é ela que nos salva de um mundo difícil.

Cena 3 - A importância da academia

É importante dizer que, mesmo tendo toda esta experiência sendo tão somente um ator interiorano, encontrando uma maneira de sobreviver fazendo o que gostava e (achava) que sabia, ter passado pela academia foi de suma importância para, como já disse anteriormente, afinar o meu olhar, afinar o meu trato na sala de aula, e conversar com autores que me mostraram maneiras não de agir, mas de pensar a docência em teatro como algo importante e fundamental para a formação de novos adultos para a sociedade. Pensar em uma escola sem as artes, sem educação física e sem filosofia e sociologia é pensar em uma fábrica de operários sem alma que servem somente para o trabalho e não lhes é dada a possibilidade de pensar. O Brasil de hoje ainda tem esperanças de um futuro melhor, mas tirar a obrigatoriedade de disciplinas acima citadas é querer que nos tornemos um país de brutamontes sem sensibilidade, a sensibilidade que a arte nos dá. Um país de indisciplinados e doentes do corpo sem a disciplina e os benefícios à saúde que a Educação Física nos dá. Um país de incapazes de pensar e incapazes de entender o próximo, sem filosofia e sociologia.

Desmantelar a educação com discurso de economia e de qualificar a educação é tão absurdo que parece piada. Nem os grandes mestres do assim chamado Teatro do Absurdo como Samuel Beckett, Fernando Arrabal, Eugène Ionesco entre outros, pensaram nisso em suas obras.

Olho para o futuro e vejo homens-máquina trabalhando até a morte, sem pensar, sem sentir, sem possibilidades de libertação total. Não estou aqui dizendo que ser um operário seja ruim. Nada disso. O mundo precisa de operários como precisa de médicos, advogados, engenheiros. Estou falando que mesmo esses profissionais de maior graduação serão homens-máquina, operários sem alma em suas áreas, sem sentir, sem pensar, somente cumprindo com a sua obrigação e pronto. Seres em preto e branco. E os seres coloridos pela luz da filosofia, sociologia, artes e esporte serão aos poucos pintados de preto e branco, pois ninguém mais vai nos entender. Seremos seres de outro mundo, mesmo tendo nascido neste mundo que querem deixar como legado para as próximas gerações.

Temos que cobrar posturas de criação e não de destruição daqueles que nos governam. É preciso criar mais faculdades de arte no nosso estado, por exemplo. Abrir vagas para profissionais já formados em escolas. Fomentar a busca da sociedade pela

cultura e pela arte. Estimular, não podar.

Em suma, uma sociedade que não tem olhos para a arte, não tem alma. **E** uma sociedade sem alma, é uma sociedade fria e egoísta. **E** é contra isso que lutamos. **E** é contra isso que eu luto.

EPÍLOGO

Quando me aproximei do teatro em 1999 na minha cidade natal, Rio Grande, nunca imaginei que chegaria onde cheguei e fazer as coisas que fiz. Dezesete anos depois, penso no que eu diria ao Rodrigo de dezoito anos que largou as bandas escolares onde passou toda sua adolescência e resolveu ir para o Teatro Municipal de Rio Grande à procura do Curso Livre de Teatro.

Diria: Não vai! Fica nas bandas! Já estás flertando com a música, pois então namora e casa logo! Ou vai fazer outra coisa da tua vida!

Certamente o jovem Rodrigo diria ao velho: Mas por quê? O que aconteceu lá na frente?

Velho: Bom primeiro que tu te apaixonaste... Daí apareceu outro grupo, e outro, e outro... Daí neste último tu usou de uma droga devastadora chamada Festival de Teatro. Fica longe disso! É um caminho sem volta. Tu vais ficar deprimido toda a santa vez que voltares pra casa e para o que tu vais chamar de realidade... Daí nesses tais festivais vais conhecer outra drogada que vai fazer tu largar tudo que tu tem aqui e ir morar em Uruguaiana. Na verdade, ela não vai fazer nada... Tu vais ir porque tu vais cansar da faculdade...

Jovem: Faculdade?

Velho: Biblioteconomia! Ah é... TE FORMA! Não larga no meio...

Jovem: Mas eu nem entrei!

Velho: Mas vais entrar e vais largar no meio...

Jovem: E por que eu larguei?

Velho: Frescura! Te atrasou numa cadeira, ficou com a turma dos teus bixos, ninguém gostava da tua cara... Enfim... Te deu um ataque de pelanca, chegaste em casa jogando os livros longe e largaste. NÃO FAZ ISSO!

Jovem: Tá, não faço! Mas daí tu... eu... enfim... largamos e fizemos o quê?

Velho: Fomos embora pra Uruguaiana!

Jovem: Ah é... Uruguaiana... Eu nunca fui lá! É legal?

Velho: É! Muito. Melhor cidade pra se viver... Na verdade a gente foi num desses Festivais de Teatro em 2001, mas uma coisa não tem nada a ver com a outra. Tu te mudas pra Uruguaiana em 2005.

Jovem: Hmm... Ta... e?

Velho: E que daí pra tu poder viver, tu foi cara de pau, e chegou numa escola Marista, tradicional, linda e te oferecete pra dar aulas de teatro.

Jovem: E não rolou né? Óbvio!

Velho: Rolou! Aí é que tá, rolou!

Jovem: Ah cara sério? Eu virei professor? Não é possível! Eu quero fazer teatro, ser ator, gritar, me expressar no palco... Ser reconhecido, famoso... TV, cinema...

Velho: Mas tu vais fazer isso! Vais sim... TV e cinema ainda não rolou. Mas peças tu vais fazer, vais dirigir, escrever, atuar...

Jovem: Ah então é legal!

Velho: É... mas não dá dinheiro... 35 anos e eu não tenho um tostão na carteira!

Jovem: E tu mora em Uruguaiana ainda?

Velho: Não.

Jovem: (aflito) Voltou pra Rio Grande?

Velho: Não!

Jovem: Ufa!

Velho: Porto Alegre! E estou me formando em teatro!

Jovem: Sério? Eu vou me formar em teatro? Cara! Que legal... Sabe... Claro que tu sabe... Mas lembra que já no primeiro vestibular tu já queria fazer pra Artes Cênicas em Santa Maria?

Velho: É... Tu estás em 1999 né?

Jovem: Tô!

Velho: Tu vais fazer o tal de vestibular em 2000! Mas não vais passar... Mas daí vai começar a dar uns problemas lá em casa e tu desiste de ir embora...

Jovem: O pai de novo?

Velho: O pai de novo!

Jovem: Que merda!

Velho: É, mas te acalma! Tudo vai dar certo, e em 2005 tu só resolve ir embora porque o velho tá legal!

Jovem: Ah... E hoje aí da onde tu vem, eles estão bem?

Velho: Estão... Mas não é disso que eu vim falar contigo...

Jovem: Ah sim, tu queres evitar que eu siga no teatro... Mas ainda não entendi... Por enquanto só vi vantagem. Foi embora de Rio Grande, tá trabalhando com teatro, fez peças, escreveu, foi pra capital, tá se formando em teatro...

Velho: Licenciatura!

Jovem: Oi?

Velho: Licenciatura! Tu vais ser...

Jovem e Velho: Professor!

Velho: Mas relaxa, tu vais gostar! Vai ter uma turma, a tua primeira... Só criança de oito anos... Tu vais dar aula, vais montar uma peça... E algo dentro de ti vai ligar. Uma vontade louca de não sair mais dali, seguir ensinando. Teus alunos vão te dar trabalho, mas no fim eles vão dar o melhor deles pra ti e vão acender o melhor de ti. Tu vais seguir atuando como te falei, mas vais ter que montar teu próprio grupo...

Jovem: Primeiro Ato! Já bolei esse nome!

Velho: Nós Encena!

Jovem: Quê?

Velho: Nós Encena... O nome do grupo!

Jovem: Ruim né...

Velho: É ótimo...

Jovem: Se tu diz...

Velho: É... é lindo. E o grupo dos teus alunos vai ser Anjos Arteiros...

Jovem: Esse é bom, bom mesmo...

Velho: É eu sei, daí que o tempo vai passar, tu vai ir embora de Uruguaiana e vais ir pra Porto Alegre, e vais fazer faculdade de Licenciatura em Teatro.

Jovem: Bah! E eu vou curtir? Vai ser legal? Eu vou me dar bem?

Velho: Vais, vai sim! Não! Não vai nada! Eu vim aqui pra te lembrar de não fazer essa bobagem, não vai pro teatro, não vai... Fica na música! A música é o caminho, ou insiste no jornalismo... É... Já te inscreve pro próximo vestibular em jornalismo e segue a vida... Não inventa!

Jovem: Mas Rodrigo, eu... é...

Velho: Kãõ!

Jovem: Quê?

Velho: Kãõ, um apelido que tu vais ganhar em 2002!

Jovem: Kãõ? E tu permitiu isso?

Velho: Ah, a gente acostuma...

Jovem: Ta, então... Kãõ... Tu falaste aí do teatro, do teu grupo, das aulas... Dos teus alunos principalmente... Tu falaste de um jeito tão legal... Que... Cara! Eu acho que tu, eu fui... tu foste muito feliz... A gente só fez o que queria, o que gostava... Tem

certeza que tu queres mudar isso?

(tempo)

Jovem: Não, porque pensa bem, eu até posso mudar o meu caminho, o nosso caminho como tu pediste... Seguir a música e tal, ou até mesmo ir pro jornalismo, ou me formar em biblio... biblis...

Velho: Biblioteconomia...

Jovem: Essa coisa aí... Mas será que a gente vai ser feliz? Será que vamos sentir aquela vontade de acordar todo dia pra ir trabalhar? Sabe... A mãe cara... Tu conheces ela melhor que eu... Até que idade a velha trabalhou?

Velho: Estamos em 2016 e ela se aposentou em Julho.

Jovem: Pois é... E nunca faltou, nem doente... E fez aquilo que ela sonhava em fazer desde criança... A gente foi aluno dela... Lembra?

Velho: Pois é...

Jovem: Então... será mesmo que vai ser legal desviar desse caminho e procurar outro? Sabe que a ideia de ser professor nem tá me assustando tanto?

Velho: Professor de teatro! Tu vais gostar!

Jovem: Claro... **Velho:**

Mas é que... **Jovem:** Teu olho brilhou...

Velho: Brilha sempre! Não! Brilha nada... é a luz... impressão tua!

Jovem: Brilhou sim!

Velho: Brilhou nada!

Jovem: Brilhou!

Velho: Para!

Jovem: Bom, pelo menos uma coisa se concretizou na minha vida!

Velho: O quê?

Jovem: Virei a criatura mais teimosa do mundo.

Velho: Não é teimosia, é realidade!

Jovem: Realidade de um cara que só de falar em fazer teatro e dar aulas de teatro já brilha o olho?

Velho: Mas é que tu vais passar um baita trabalho...

Jovem: Fazendo o que gosto? Acho que não vou me cansar não...

Velho: Ah vais!

Jovem: Tá mais depois passa...

Velho: Ai guri... Tá... Então vai... Vai fazer teu teatro... Ah... Os festivais são legais... Tu vais fazer muitos amigos... Presta atenção neles tá? Vão te ensinar muito...

Jovem: Tá bem...

Velho: Tu não vais ser o melhor ator em nenhum festival que fores...

Jovem: Entendi...

Velho: Mas muita gente vai te considerar bom porque tu vais fazer tudo com o coração...

Jovem: É por isso que a gente tá pobre ainda?

Velho: É...

Jovem: Entendi...

Velho: Ah... Na faculdade tu vais passar por um momento bem barra pesada e vais pensar em desistir... Mas segura tá? Tem um cara que tu conheceu à pouco, que vai te dar um conselho bem válido... O Rodrigo... O outro Rodrigo...

Jovem: O Rodrigo vai ser meu amigo?

Velho: Um dos melhores!

Jovem: Ta...

Velho: Não briga com ele!

Jovem: Ok...

Velho: Ah e tu vais pra Uruguaiana por causa de uma menina... Ela vai te ajudar muito... E depois...

Jovem: Essa deixa pra mim... Não conta não!

Velho: Tá, não conto. Mas tenha paciência... Ela é difícil...

Jovem: Difícil, entendi. Bonita?

Velho: Muito!

Jovem: Menos mal...

Velho: Tu vais ficar cinco anos em Uruguaiana... Vais ter algumas turmas de alunos. Uma por ano na verdade. E vais montar algumas peças com eles. Ah, tu também vais dar aulas pra adultos e pra uma turma de idosas. Esses dois projetos não vingaram muito, mas te ensinaram muitas coisas boas. Graças a esses alunos e ao teu grupo, tu descobre por necessidade outra coisa que tu gostas de fazer muito...

Jovem: O quê?

Velho: Escrever!

Jovem: Legal.

Velho: E daí, na ida pra Porto Alegre tu resolve fazer licenciatura e na hora de

terminar o curso, no TCC a professora orientadora acha importante o relato da tua experiência e o teu TCC vai ser isso...

Jovem: TCC?

Velho: Trabalho de Conclusão... Mas eu não lembro de ser tão burro assim com dezoito anos...

Jovem: Eu não sou burro não tá... Mas essas coisas de faculdade eu não sei ainda... Não entrei.

Velho: Trabalho de Conclusão de Curso. É um negócio que tu tens que escrever pra te formar.

Jovem: Daí tu vais contar a nossa história?

Velho: Daí vou contar a nossa história!

Jovem: E ela é boa!

Velho: Ela é a melhor história que a gente poderia ter escrito!

Bibliografia

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GROTOWSKI, Jerzy. *Por um teatro pobre*. São Paulo: Dulcina, 2011.

REVERBEL, Olga. *Um caminho para o teatro na escola*. São Paulo: Scipione.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos, *Iniciação à Docência em Teatro - Ações, relações e reflexões*. São Leopoldo: Oiko, 2012.

SLOWIAK, James. *Jerzy Grotowski*. São Paulo: É Realizações, 2013.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2010.